

Efeitos do input na aquisição de PE L2: o caso dos objetos nulos

Joana Teixeira¹, Alexandra Fiéis¹, Ana Madeira¹

¹Universidade NOVA de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

Abstract

This study investigates the acquisition of null objects in L2 European Portuguese (EP), using an elicited oral production task and two speeded acceptability judgement tasks (written and oral). Participants were 25 L1 EP speakers and 30 L1 Spanish-L2 EP adult learners at intermediate to near-native levels. Results show that L1 and L2 EP speakers produce and accept clitics significantly more than null objects. Regarding null objects, the native group exhibits significant effects of animacy (the acceptance is higher with an inanimate antecedent) and accessibility (the acceptance is higher with an immediately accessible antecedent). The L2 groups do not display any animacy or accessibility effects, even at the near-native level. These results show that L2 learners may have permanent difficulties both at the syntax-discourse and at the syntax-semantics interfaces when the construction being acquired is infrequent in the input and the L1 differs from the L2.

Keywords: Null object, European Portuguese, L2, input, interfaces.

Resumo

Este estudo investiga a aquisição de objetos nulos em português europeu (PE) como L2, utilizando uma tarefa de produção oral induzida e duas tarefas de juízos de aceitabilidade rápidos (escrita e oral). Os participantes são 25 falantes de PE L1 e 30 aprendentes adultos de espanhol L1 e PE L2 nos níveis intermédio a quase nativo. Os resultados mostram que os falantes de PE L1 e L2 produzem e aceitam clíticos significativamente mais do que objetos nulos. Relativamente aos objetos nulos, o grupo nativo apresenta efeitos significativos de animacidade (a aceitação é maior com um antecedente inanimado) e de acessibilidade (a aceitação é maior com um antecedente imediatamente acessível). Os grupos de L2 não apresentam efeitos de animacidade nem de acessibilidade, mesmo no nível quase nativo. Estes resultados mostram que os aprendentes de L2 podem ter dificuldades permanentes tanto na interface sintaxe-discurso como na interface sintaxe-semântica quando a construção que está a ser adquirida é pouco frequente no input e a L1 difere da L2.

Palavras-chave: Objeto nulo, português europeu, L2, input, interfaces.

1. Introdução

As interfaces linguísticas têm sido muito investigadas em aquisição de língua não materna (L2) numa perspetiva generativista. Esta investigação tem sido influenciada pela Hipótese da Interface (HI) (Sorace & Filiaci, 2006; Sorace, 2011), segundo a qual propriedades internas à gramática são totalmente adquiríveis em L2, mesmo que sujeitas a atrasos no desenvolvimento, enquanto propriedades na interface entre a sintaxe e os domínios externos, como o discurso, são uma área de dificuldade permanente, devido às dificuldades de processamento associadas ao custo da integração em tempo real de informações gramaticais e extragramaticais.

Mais recentemente, os estudos de aquisição de L2 têm dado algum destaque ao papel do input na aquisição de propriedades gramaticais (Rothman & Slabakova, 2018). Com base em dados experimentais, alguns autores como Domínguez e Arche (2014) e Slabakova (2015) propõem que os fenómenos na interface sintaxe-discurso

só causam problemas persistentes aos aprendentes de L2 quando a língua materna (L1) e a L2 diferem nos aspetos relevantes e a evidência no input não é frequente nem transparente (designamos esta hipótese como *L1+input*). De acordo com Slabakova (2015), a interface sintaxe-discurso não é tão especial como a HI propõe, não sendo muito diferente de outras interfaces. No entanto, ainda não é claro se a L1 e o input influenciam outros fenómenos de interface da mesma forma que se propõe que afetem as propriedades da interface sintaxe-discurso.

A aquisição de objetos nulos em português europeu (PE) por falantes de espanhol L1 é uma área adequada para testar a hipótese *L1+input*, uma vez que: (i) a possibilidade de objetos nulos definidos distingue o PE de outras línguas românicas, nomeadamente o espanhol; (ii) os objetos nulos são mais produtivos em registos orais e coloquiais do que no PE padrão (Rinke, no prelo), que é a variedade a que os aprendentes de L2 estão predominantemente expostos, pelo menos em contextos formais de aprendizagem; e (iii) os objetos nulos do PE envolvem a interface sintaxe-discurso (requerem um antecedente saliente e imediatamente acessível no contexto discursivo ou situacional), bem como a interface sintaxe-semântica (tendem a ser inanimados). Estas propriedades têm sido amplamente investigadas em PE L1 (e.g., Flores *et al.*, 2020), mas não em L2.

Procurando colmatar esta lacuna, o presente estudo investiga a aquisição de objetos nulos por falantes nativos de espanhol com nível intermédio, avançado e quase nativo em PE L2, recorrendo a dados de produção oral induzida e de juízos de aceitabilidade.

O artigo está organizado do seguinte modo: a secção 2 apresenta uma visão panorâmica dos estudos prévios sobre objetos nulos em PE e espanhol e a sua aquisição em PE como L1 e L2; na secção 3, formulamos as questões e hipóteses de investigação; a secção 4 apresenta a metodologia do estudo; os resultados são descritos na secção 5 e discutidos na secção 6; na secção 7, apresentamos um estudo complementar, que foi realizado no sentido de dar resposta a uma questão deixada em aberto pelo estudo principal; e, finalmente, a secção 8 apresenta as principais conclusões.

2. Objetos nulos

A possibilidade de realizar objetos nulos definidos distingue o PE de outras línguas românicas, como o espanhol, em que o objeto nulo é mais restrito. Com o intuito de se perceberem estas diferenças, na secção 2.1., descrevem-se os contextos que permitem objeto nulo na gramática de falantes nativos de PE e de espanhol, as línguas que são alvo de estudo neste trabalho, e, na secção 2.2., apresentam-se alguns estudos sobre a aquisição de objeto nulo em PE L1 e L2.

2.1. Objetos nulos na gramática de falantes nativos de PE e de espanhol

Como referido, o PE é uma língua de objeto nulo, i.e., uma língua que permite a omissão de objetos diretos definidos e indefinidos, como se mostra em (1a, b), respetivamente. Já nas variedades padrão do espanhol, apenas os objetos diretos indefinidos não específicos podem ser omitidos (nomes massivos e *bare plurals*) (Campos, 1986), como se observa em (2).

(1)

- a. O que fizeste com os documentos? – Guardei [-] na gaveta.
- b. Vês filmes mudos? – Sim, vejo [-] na televisão.

(2)

- a. Compré el libro. – *(Lo) compré.
- b. ¿Compraste café? – Sí, compré [-].

De acordo com Rinke (no prelo), em PE, os objetos nulos não são igualmente produtivos em todos os registos: “[clitics] are in fact the unmarked pronominal option in Standard EP. In contrast, null objects are

related to the spoken/colloquial register.” Importa notar que o objeto nulo pode sempre alternar com um clítico, como se observa no contraste em (3):

(3)

- a. O que fizeste com os documentos? – Guardei [-] na gaveta.
- b. O que fizeste com os documentos? – Guardei-os na gaveta.

Contudo, não há verdadeiramente variação livre entre objeto nulo e clítico, na maioria dos casos, na medida em que o objeto nulo está sujeito a certas restrições (Brito, Duarte & Matos, 2003; Duarte & Costa, 2013; Raposo, 1986), incluindo as restrições semânticas e discursivas que a seguir se descrevem e exemplificam. Trata-se, pois, de um fenómeno de interface.

Semanticamente, os objetos nulos obedecem a uma restrição de animacidade, no sentido em que tendem a ser não animados (e.g., Duarte & Costa, 2013; Schwenter, 2014), como se mostra com o contraste em (4).

(4)

- a. ??Quando encontro o Pedro_i, beijo [-]_i com ternura.
- b. Quando encontro uma gralha_i, corrijo [-]_i imediatamente. (Duarte & Costa, 2013, p. 2345)

De acordo com alguns autores, os efeitos de animacidade só ocorrem quando o antecedente está na mesma frase que o objeto nulo, mas não quando está no discurso anterior (cf. Costa & Duarte, 2003; Duarte & Costa, 2013; Kato *et al.*, 2023). No entanto, há alguns estudos como os de Castro *et al.* (2017) e de Rinke (no prelo) que encontraram efeitos de animacidade em contextos em que o antecedente do objeto nulo ocorre no discurso prévio.

Discursivamente, para serem interpretados, os objetos nulos requerem um antecedente saliente e acessível no discurso (Raposo, 1986) ou no contexto situacional, como se mostra em (5):

(5)

- a. O João tirou os óculos_i e guardou [-]_i na gaveta.
- b. O João tirou os óculos_i. Foi buscar o jornal e fazer um chá.
*Ligou a televisão e, finalmente, guardou [-]_i na gaveta. (Duarte & Costa, 2013, p. 2346)

Estudos baseados em *corpora* de fala espontânea (e.g., Flores *et al.*, 2017; Rinke *et al.*, 2018) indicam que os objetos nulos ocorrem no registo falado/coloquial, sendo mais frequentes com antecedentes inanimados. Mesmo neste registo, a percentagem global de objetos nulos é substancialmente inferior à percentagem de clíticos, como se constata na Tabela 1, adaptada a partir de Flores *et al.* (2017, p. 194):

Tabela 1. Realização de objetos em contextos pronominais num *corpus* de fala espontânea

	G1 MON	G2 MON
	(54 -74 anos)	(18 - 32 anos)
<i>clíticos</i>	64.4%	55.8%
<i>demonstrativos</i>	11.4%	14.6%
<i>objetos nulos</i>	24.3%	29.6%

Na mesma linha, estudos experimentais (e.g., Castro *et al.*, 2017; Flores *et al.*, 2020; Rinke, no prelo) têm mostrado que os falantes nativos de PE preferem clíticos a objeto nulo, mesmo quando estão reunidas as condições necessárias à sua realização. Por exemplo, numa tarefa de juízos de aceitabilidade, com uma escala

de 1 (péssimo) a 6 (excelente), Castro *et al.* (2017) verificaram que o clítico é a opção preferencial, mesmo na condição em que o objeto nulo é mais aceite, i.e., com antecedente inanimado. Vejam-se os exemplos em (6) e (7):

- (6) O namorado da Carolina estava entediado. O que é que ela decidiu fazer?
- Ø levou-o para a praia. (média de aceitação = 5.25)
 - Ø levou Ø para a praia. (média de aceitação = 2.71)
- (7) A professora tinha em casa um livro. O que é que ela fez?
- Ø levou-o para a escola. (média de aceitação = 5.13)
 - Ø levou Ø para a escola. (média de aceitação = 3.66)

De modo geral, e considerados em conjunto, os estudos existentes sobre objeto nulo no PE indicam que os clíticos são efetivamente a opção pronominal preferida. Já os objetos nulos, para além de serem menos frequentes na produção, recebem classificações mais baixas em testes de juízos.

2.2. Na aquisição de PE

Tem-se observado uma tendência para a omissão de objetos diretos na aquisição de L1, um fenómeno que é particularmente acentuado em certas línguas, como é o caso do PE. Sabe-se também que a omissão do objeto persiste até tarde na aquisição de PE L1 (e.g., Costa & Lobo, 2007, 2009; Varlokosta *et al.*, 2016). Costa e Lobo (2007, 2009) propõem que esta omissão corresponde a uma sobregeneralização da construção de objeto nulo disponível em português, podendo ocorrer, em produções infantis, em contextos em que o objeto nulo não é permitido nas gramáticas adultas (e.g., contextos de ilha).

No intuito de investigar o efeito da animacidade e da acessibilidade do referente na aquisição monolíngue de PE (crianças entre os 3 e os 9 anos de idade), Flores *et al.* (2020) realizaram um estudo baseado numa tarefa de produção induzida (com o formato pergunta/resposta), observando uma aquisição gradual destas restrições. As autoras verificaram que, até por volta dos 6 anos de idade, as crianças apresentam taxas elevadas de omissão do objeto, não revelando sensibilidade às condições semânticas e pragmáticas a que obedece a sua distribuição. A partir dos 6 anos, ocorre uma diminuição gradual dos objetos nulos em todos os contextos e as crianças começam a ser sensíveis à acessibilidade do antecedente, produzindo menos objetos nulos e mais DP plenos em contextos em que o referente não está imediatamente acessível. A sensibilidade à animacidade do referente emerge mais tarde, a partir dos 7 anos: as crianças entre os 7 e os 9 anos de idade produzem mais objetos nulos e menos clíticos com referentes inanimados do que com referentes animados.

Rinke *et al.* (2019) investigaram crianças bilingues PE-alemão (falantes de herança de PE) entre os 6 e os 10 anos de idade utilizando a mesma tarefa de produção induzida. Comparativamente com as crianças monolíngues da mesma idade, as crianças bilingues apresentam taxas mais elevadas de omissão do objeto. À semelhança do que acontece com as crianças monolíngues, verifica-se um efeito de acessibilidade nas produções das bilingues, que tendem a usar um DP pleno quando o referente não está imediatamente acessível no discurso prévio, e um clítico ou objeto nulo quando o referente está imediatamente acessível. Observa-se igualmente um efeito de animacidade: as crianças produzem mais objetos nulos quando o referente é inanimado e mais clíticos quando este é animado. Estes resultados são corroborados por Tomaz *et al.* (2019), cujos resultados de uma tarefa de produção induzida mostraram que crianças bilingues de PE-francês entre os 4 e os 10 anos de idade apresentam taxas de omissão do objeto mais elevadas com antecedentes inanimados do que com animados.

Num outro estudo, Rinke *et al.* (2018) recorreram a dados de produção espontânea para comparar a produção de objetos diretos por falantes adultos de PE como língua de herança (bilingues de PE-alemão) com a de falantes bilingues mais velhos (migrantes na Alemanha de 2.^a geração) e a de dois grupos de falantes

monolíngues de PE (com idades correspondentes). Observa-se um efeito de idade na produção de objetos nulos, na medida em que as taxas de omissão do objeto (com antecedentes não proposicionais) são mais elevadas em falantes de herança e em falantes monolíngues jovens do que em falantes bilingues e monolíngues mais velhos. Neste estudo, apenas o efeito da animacidade do referente é considerado, registando-se uma preferência por objetos nulos com antecedentes inanimados em todos os grupos. No entanto, os falantes de herança apresentam taxas de omissão de objetos diretos animados significativamente mais elevadas do que os falantes bilingues mais velhos e os falantes monolíngues.

Existem poucos estudos sobre a aquisição do objeto nulo em PE L2, em particular, estudos que investiguem o efeito dos fatores *acessibilidade* e *animacidade*. Destacamos o estudo de Zhao (2020), que se baseia em dados de uma tarefa de produção oral induzida (adaptada de Rinke *et al.* 2019, e de Flores *et al.*, 2020) que foi aplicada a aprendentes chineses adultos com níveis elementar, intermédio e avançado em PE. O autor observou taxas elevadas de omissão de objetos nos níveis mais baixos, as quais diminuem à medida que o nível de proficiência aumenta. Contudo, os resultados do grupo de nível avançado mostram que estes aprendentes não desenvolvem conhecimento das restrições a que os objetos nulos em PE estão sujeitos relativamente à acessibilidade e à animacidade do referente. É importante salientar que a tarefa utilizada recorria a um contexto que, segundo alguns autores (e.g., Duarte & Costa, 2013; Kato *et al.*, 2023), poderá não estar sujeito a efeitos de animacidade em PE: o contexto de pergunta-resposta. Note-se que, nesta tarefa, os próprios falantes nativos não manifestam efeitos de animacidade (nem de acessibilidade) na produção de objetos nulos. Por esta razão, seria importante testar a aquisição de objetos nulos em L2 noutros contextos. Tendo em conta que o chinês se caracteriza pela possibilidade de objetos nulos, é possível que a elevada omissão de objetos que se observa nos níveis mais baixos de proficiência se deva à influência da L1 dos aprendentes, não resultando, pois, de uma sequência de desenvolvimento universal, idêntica à verificada na aquisição de PE L1. Para determinar se o percurso observado nos participantes do estudo de Zhao (2020) é comum a outros aprendentes, é necessário investigar a aquisição do objeto nulo em PE L2 por aprendentes com outras L1, em particular, falantes de línguas que não permitam objetos nulos ou que imponham restrições significativas à sua ocorrência.

Além disso, o estudo de Zhao (2020) não inclui falantes quase nativos, pelo que não sabemos se é possível desenvolver conhecimento pleno das restrições semânticas e discursivas à distribuição de objetos nulos em PE L2. Para tal, é necessário realizar mais estudos sobre a aquisição do objeto nulo em PE L2, incluindo falantes com um nível quase nativo.

3. Questões de investigação e hipóteses

Tendo em conta que permanece por esclarecer se as elevadas taxas de aceitação de objeto nulo observadas por Zhao (2020) em níveis não avançados de aquisição de PE L2 refletem a influência da L1 (no caso, o chinês) ou uma tendência mais geral de sobregeneralização da omissão do objeto idêntica à verificada na aquisição de PE L1 (cf. secção 2.2), neste estudo, investigamos a aquisição do objeto nulo por aprendentes adultos de PE L2 cuja L1, o espanhol, não admite objetos nulos definidos, procurando responder à seguinte questão:

Q1.1. Em níveis não avançados de aquisição de PE L2, os falantes de espanhol L1 sobregeneralizam objetos nulos?

Relativamente a esta questão, colocamos duas hipóteses:

- H.1.1.** Se o desenvolvimento de objetos nulos for idêntico em PE L1 e L2, os falantes de espanhol L1 sobregeneralizarão a omissão do objeto em níveis não avançados de proficiência.
- H.1.2.** Se o desenvolvimento de objetos nulos em PE L2 for influenciado pela L1 do aprendente, os falantes de espanhol L1 não sobregeneralizarão a omissão do objeto em níveis não avançados de proficiência.

Em segundo lugar, investigamos o percurso de desenvolvimento do objeto nulo relativamente aos fatores *acessibilidade* e *animacidade*. Mais especificamente, colocamos a seguinte questão:

- QI.2.** O percurso de desenvolvimento do objeto nulo em PE L2 é idêntico ao que se observa na aquisição de PE L1 relativamente aos fatores *acessibilidade* e *animacidade*?

Considerando os resultados dos estudos anteriores sobre o percurso de desenvolvimento do objeto nulo em PE descritos na secção 2, bem como as predições da HI e da hipótese de L1+input, formulamos as seguintes hipóteses:

- H.2.1.** Se o percurso de aquisição for idêntico em PE L1 e L2, os falantes de espanhol L1 – PE L2 desenvolverão sensibilidade primeiro à acessibilidade e só mais tarde à animacidade.
- H.2.2.** Se, como é proposto pela HI, as propriedades que envolvem interfaces internas (sintaxe-semântica) forem mais fáceis de adquirir em L2 do que as que envolvem interfaces externas (sintaxe-discurso), os falantes de espanhol L1 – PE L2 desenvolverão sensibilidade primeiro à animacidade e só mais tarde à acessibilidade.
- H.2.3.** Se, como é proposto pela hipótese L1+input, os fenómenos de interface forem difíceis de adquirir quando a L1 difere da L2 e a construção é pouco frequente no input de L2, os falantes de espanhol L1 – PE L2 não serão sensíveis à acessibilidade e à animacidade nos diferentes estádios de desenvolvimento da L2.

Adicionalmente, pretendemos perceber se as propriedades que caracterizam o objeto nulo em PE L2 podem ser plenamente adquiridas, respondendo à seguinte questão de investigação:

- QI.3.** A convergência com a língua alvo é possível em PE L2 relativamente aos fatores *acessibilidade* e *animacidade*?

Relativamente a esta questão, formulamos as seguintes hipóteses:

- H.3.1.** Se a aquisição do objeto nulo for idêntica em L1 e L2, os falantes quase nativos terão um desempenho alvo no que respeita à acessibilidade e à animacidade.
- H.3.2.** Se, como é proposto pela HI, as interfaces externas, mas não as internas, forem áreas de instabilidade permanente na aquisição de L2, os falantes quase nativos não terão um desempenho alvo no que respeita à acessibilidade, mas terão um comportamento alvo no que respeita à animacidade.
- H.3.3.** Se, quando a L1 difere da L2 nas propriedades relevantes, a convergência nas interfaces depender da frequência da construção no input, como é sugerido pela hipótese L1+input, os falantes quase nativos não terão um desempenho alvo no que respeita à acessibilidade e à animacidade.

4. Metodologia

Para responder às questões enunciadas na secção anterior, investigamos, neste estudo, a aquisição de objeto nulo em PE por falantes de espanhol L1, com recurso a duas tarefas experimentais – uma tarefa de produção oral induzida e uma tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos. Nos pontos seguintes, far-se-á uma descrição dos participantes no estudo, das tarefas e dos procedimentos que adotámos na análise estatística.

4.1. Participantes

Participaram no estudo 30 falantes nativos de espanhol, com os seguintes níveis de proficiência em PE L2: intermédio (n = 10), avançado (n = 10) e quase nativo (n = 10). Todos os participantes eram filhos de falantes monolíngues de espanhol e tinham o espanhol como a sua única L1. Tinham entre 20 e 61 anos de idade, e eram aprendentes adultos de PE, tendo na sua maioria começado a estar expostos ao PE a partir dos 16 anos (apenas um participante declarou ter começado a aprender português aos 11 anos). Dos 30 participantes, 22 estavam a viver em Portugal à data do estudo ou já tinham vivido no país.

O estudo incluiu ainda um grupo de controlo constituído por 25 falantes nativos de PE, com idades entre os 19 e os 54 anos. Todos eram filhos de falantes monolíngues de PE, tinham apenas o PE como sua L1 e tinham residido em Portugal durante toda a sua vida.

Apresenta-se, na Tabela 2, a caracterização sociolinguística dos participantes, cujos dados foram recolhidos através de um questionário de perfil sociolinguístico administrado através do *Google Forms*, que os participantes preenchiam no momento da inscrição no estudo.

Tabela 2. Dados sobre os participantes

Grupo	N	Idade		Idade de início de exposição ao PE		Anos de residência em países de língua portuguesa	
		M	Desvio Padrão	M	Desvio Padrão	M	Desvio Padrão
Quase- nativo	10	41,4	7,31	20,75	2,94	9,35	7,51
Avançado	10	37,1	10,4	27,0	10,7	1,97	2,3
Intermédio	10	42,2	11,43	35,3	11,35	2,59	3,79
Nativo	25	31,9	12,7	n/a	n/a	n/a	n/a

Na avaliação do nível de proficiência dos falantes não nativos de PE L2, foi usada uma versão adaptada do procedimento utilizado por Sorace e Filiaci (2006), baseado em White e Genesee (1996), para identificar falantes quase nativos. Todos os participantes realizaram entrevistas individuais com o intuito de estimular a produção oral espontânea a partir de cartoons. Foi pedido a cada participante que falasse aproximadamente 3 minutos, respondendo a duas perguntas sobre cada cartoon: "O que é que vê no cartoon?" e "Qual é a mensagem do cartoon?"

Posteriormente, uma amostra da produção de cada participante, com aproximadamente 1,5 minutos, foi selecionada e avaliada por três falantes nativos de PE. A avaliação baseou-se nos seguintes critérios: morfologia, sintaxe, vocabulário, pronúncia, fluência e impressão geral. Na folha de avaliação, cada critério estava representado por uma linha contínua de 9 cm, com "não nativo" à esquerda e "nativo" à direita. Os avaliadores foram instruídos a assinalar com uma cruz o grau de proximidade da amostra ao nível nativo. Para assegurar que os avaliadores utilizavam como referência as produções de falantes nativos de PE, foram misturadas aleatoriamente amostras de entrevistas realizadas com falantes nativos de PE e as amostras dos aprendentes de PE L2.

No final, as avaliações foram convertidas em valores discretos, utilizando um acetato com uma linha de 9 cm dividida numa escala de 18 pontos (1 ponto para cada 0,5 cm). O nível de proficiência de cada aprendente foi determinado pela média dos pontos atribuídos pelos avaliadores. Aqueles aos quais os avaliadores deram entre 17 e 18 pontos nos critérios de sintaxe, morfologia e vocabulário, e 16 pontos ou mais nos outros critérios (com exceção da pronúncia), foram considerados quase nativos. Os que não atingiram essa pontuação, mas receberam pelo menos 15 pontos nos critérios de sintaxe, morfologia e vocabulário, e 13 pontos ou mais nos outros critérios (com exceção da pronúncia), foram classificados como avançados. Por fim, aqueles que não obtiveram pontuação suficiente para serem classificados como avançados, mas receberam pelo menos 13 pontos nos critérios de sintaxe, morfologia e vocabulário, e 10 pontos ou mais nos outros critérios (com exceção da pronúncia), foram considerados intermédios.

4.2. Tarefas

Como referido em 2., a possibilidade de realizar objetos nulos definidos diferencia o PE do espanhol. No PE, como vimos, os objetos nulos podem alternar com clíticos, ainda que sujeitos a algumas restrições. Tendo em conta que os clíticos, mas não os objetos nulos, são alvo de ensino explícito e que, por isso, o uso de clíticos poderá ser favorecido numa tarefa que permita aos falantes recorrer ao seu conhecimento explícito, foram utilizadas duas tarefas que forcem os participantes a usar primordialmente o seu conhecimento implícito (e.g., Ellis, 2005): uma tarefa de produção oral induzida e outra de juízos de aceitabilidade rápidos na modalidade escrita. Dado que os efeitos de animacidade ocorrem, sobretudo, quando o antecedente está na mesma frase que o objeto nulo (cf. Costa & Duarte, 2003; Duarte & Costa, 2013; Kato *et al.*, 2023), nas duas tarefas, usámos sempre frases complexas formadas por coordenação, ocupando o antecedente do objeto nulo ou do clítico uma posição de objeto no primeiro membro da coordenação. O antecedente era sempre singular e feminino. A tarefa de produção cruzou as variáveis *acessibilidade do antecedente* (imediatamente vs. não imediatamente acessível) e *animacidade* (animado vs. inanimado). A tarefa incluiu 6 itens por condição, num total de 24 itens experimentais, e 24 distratores. Apresentamos exemplos de itens de teste nas 4 condições na Tabela 3.

Tabela 3. Itens de exemplo da tarefa de produção induzida

		Animacidade do antecedente	
		Não animado	Animado
Acessibilidade do antecedente	Não imediatamente acessível	<i>O médico passou a receita, fechou o gabinete e... deixou na receção.</i>	<i>O avô levou a neta, telefonou ao filho e... deixou no cinema.</i>
	Imediatamente acessível	<i>O médico passou a receita e... deixou na receção.</i>	<i>O avô levou a neta e ... deixou no cinema.</i>

A tarefa de produção induzida consistia numa tarefa de completamento de frases, administrada através da plataforma Gorilla. Para cada item, apresentava-se uma frase incompleta por escrito, acompanhada de uma imagem e algumas palavras. O participante devia ler a frase em voz alta e completá-la de acordo com a imagem. Para tal, pedia-se que usasse as palavras fornecidas, podendo usar, adicionalmente, outras palavras que considerasse necessárias. Na Figura 1, exemplifica-se um item do teste.

Figura 1. Exemplo de item do teste de produção oral induzida (antecedente imediatamente acessível x inanimado)

O médico passou a receita e...



INSTRUÇÃO:

“Cada item contém uma frase incompleta e uma imagem. Leia a frase em voz alta e complete a frase de acordo com a imagem, usando as palavras que aparecem por baixo. Para além destas palavras, pode usar outras que considere necessárias.”

No que respeita à tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos, foi construída com o *software* Psychopy e administrada na plataforma Pavlovia. Em cada item da tarefa, aparecia primeiro um ponto de fixação durante 1500 ms e, em seguida, a frase era apresentada no centro do ecrã palavra por palavra, de forma não cumulativa, a um ritmo de 450 ms por palavra (de acordo com o procedimento habitual nestas tarefas; ver, por exemplo, Bader & Häussler, 2010; Hopp, 2007). Após a última palavra, pedia-se ao participante que avaliasse o grau de naturalidade da frase numa escala de 1 (nada natural) a 5 (totalmente natural). O participante tinha a opção de não responder, carregando na tecla ‘N’ para indicar que não sabia a resposta.

A tarefa de juízos tinha um desenho 3 x 2, cruzando as variáveis *tipo de antecedente* (não imediatamente acessível e inanimado vs. imediatamente acessível e inanimado vs. imediatamente acessível e animado) e *tipo de objeto* (clítico vs. nulo). A tarefa incluía 6 itens por condição, num total de 36 itens experimentais, e 36 distratores. Apresentam-se, na Tabela 4, exemplos de itens de teste.

Tabela 4. Itens de exemplo da tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos

		Tipo de objeto	
		Nulo	Clítico
Tipo de antecedente	Não imediatamente acessível e inanimado	<i>O arquiteto desenhou a planta, fechou o ateliê e levou [-] para a obra.</i>	<i>O técnico reparou a máquina, fechou o escritório e levou-a para a loja.</i>
	Imediatamente acessível e inanimado	<i>O arquiteto desenhou a planta e levou [-] para a obra.</i>	<i>O técnico reparou a máquina e levou-a para a loja.</i>
	Imediatamente acessível e animado	<i>O pai acordou a filha e levou [-] para a escola.</i>	<i>O avô acordou a neta e levou-a para o colégio.</i>

4.3. Análise de dados

A análise estatística dos dados foi realizada com modelos de efeitos mistos, em que foram incluídos como efeitos aleatórios as variáveis *participantes* e *itens* e como efeitos fixos as variáveis *acessibilidade*, *animacidade*, no caso da tarefa de produção, e as variáveis *tipo de objeto* e *tipo de antecedente*, no caso da tarefa de juízos. Em análises intergrupos, foi ainda incluída a variável *grupo* como efeito fixo. As análises intragrupo incluíram interceções aleatórias para *participantes* e *itens* e declives aleatórios por participante para as variáveis intrassujeitos. As análises intergrupos incluíram, além disto, declives aleatórios por item para a variável *grupo*.

A análise estatística foi conduzida em R (versão 4.3.3), usando o pacote *lme4*. Mais especificamente, foi usada a função *lmer* (modelo misto linear) para a análise dos resultados da tarefa de juízos de aceitabilidade e a função *glmer* (modelo misto linear generalizado), com a especificação “family=binomial”, para a análise dos dados da tarefa de produção oral, uma vez que esta produz resultados binários. Na tarefa de produção, as respostas dos participantes foram codificadas como ‘produz objeto nulo’ = 1 e ‘não produz objeto nulo’ = 0. Em todas as análises, os efeitos fixos foram codificados contrastivamente com os códigos .5 e -.5 para comparar dois níveis do mesmo efeito fixo (e.g., antecedente animado = -.5 vs. antecedente não animado = .5).

Como a função *glmer* gera output com valores de *p* e a função *lmer* apenas gera valores de *t*, usámos como medidas de significância os valores de *p* e *t*. Um efeito fixo foi considerado estatisticamente significativo sempre que *p* é inferior ou igual a .05 ou o valor absoluto de *t* é superior ou igual a 2.00. O valor de *p* foi considerado próximo de significância estatística quando é superior a .05 e inferior a 1. Nos casos em que o valor de *t* era igual ou superior a 1.60, para determinar se estaria próximo do limiar de significância estatística, estimámos os valores *p* a partir da distribuição de *t* usando a seguinte fórmula (Baayen, 2008, p. 248): $2 * (1 - pt(abs(X), Y - Z))$. X corresponde ao valor de *t*, Y ao número de observações, e Z ao número de parâmetros de efeitos fixos.

5. Resultados

Na tarefa de produção oral induzida, os falantes nativos e não nativos de PE produzem maioritariamente clíticos (entre 63% e 100%), sendo a produção de DP e de objetos nulos residual em todas as condições. Como mostra a Figura 2, a taxa de produção de objetos nulos varia entre 0% e 6% no grupo de controlo e entre 0% e 23% nos grupos de falantes de L2. A análise estatística dos dados de cada um destes grupos não revelou efeitos significativos nem de animacidade nem de acessibilidade nem qualquer interação entre estes fatores na produção de objetos nulos ($ps \geq .12402$; para a análise estatística completa, ver Tabela 5).

Figura 2. % de produção de clíticos, objetos nulos e DP na tarefa de produção oral induzida

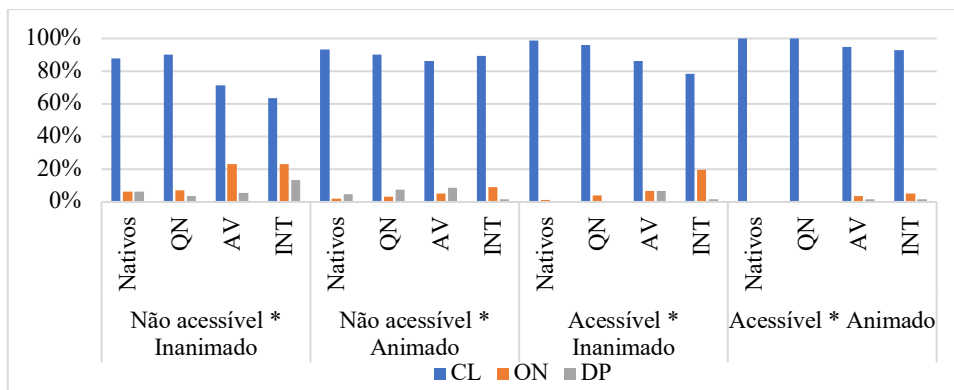


Tabela 5. Análise estatística da produção oral de objetos nulos

Grupo	Efeito fixo	Estimativa	EP	p
Nativo	Anim	.6803	2.4330	.77978
	Acess	-1.3906	2.5679	.58814
	Anim x Acess	.5120	5.4593	.92529
QN	Anim	1.384	2.460	.57364
	Acess	1.053	2.697	.69625
	Anim x Acess	-4.151	5.420	.44371
AV	Anim	2.0895	1.5696	.183123
	Acess	-1.2980	1.5611	.405710
	Anim x Acess	.2133	3.1659	.946283
INT	Anim	2.2744	1.4787	.12402
	Acess	-1.3174	1.5118	.38353
	Anim x Acess	3.4683	3.5391	.32710

Na tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos, o grupo de controlo e os grupos de falantes de PE L2 aceitam clíticos significativamente mais do que objetos nulos (nativos: estimativa = 2.22253, EP = .33854, $t = 6.565$; QN: estimativa = 2.81623, estimativa = .30842, $t = 9.1312$; AV: estimativa = 1.92021, EP = .51024, $t = 3.7632$; INT: estimativa = 1.29891, EP = .52696, $t = 2.465$), não se registando qualquer interação entre *tipo de objeto* e *tipo de antecedente* (todos os $ts \leq 1.428$). Por outras palavras, os clíticos são o tipo de objeto direto preferido em todas as condições experimentais.

Para determinar se a aceitação de objetos nulos é influenciada pela acessibilidade do antecedente no discurso, comparemos agora os resultados obtidos na condição em que o antecedente inanimado estava imediatamente acessível com os da condição em que o antecedente não estava imediatamente acessível. Conforme mostram a Figura 3 e a Tabela 6, o grupo de falantes nativos de PE exibe um efeito de acessibilidade na aceitação de objetos nulos ($t = 4.036$; para a análise estatística completa, ver Tabela 6), pois permite-os significativamente mais quando o antecedente está imediatamente acessível no discurso (média = 3) do que quando não está (média = 2). Por seu lado, os grupos de falantes de L2 não são sensíveis ao fator *acessibilidade* na aceitação de objetos nulos, mesmo no nível quase nativo ($ts \leq 1.152$).

Figura 3. Aceitação de clíticos e objetos nulos não animados na tarefa escrita de juízos de aceitabilidade rápidos

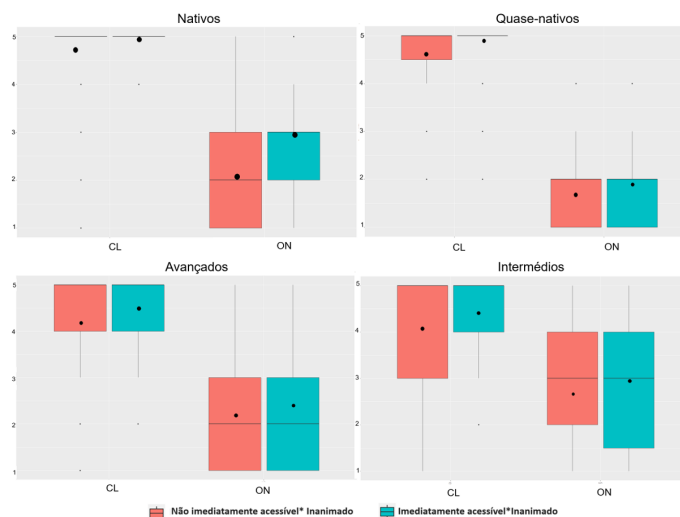


Tabela 6. Efeito de acessibilidade na aceitação de objeto nulo na tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos

Grupo	Estimativa	EP	t
Nativo	.4933	.1222	4.036*
QN	.1725	.1498	1.152
AV	.2509	.2484	1.010
INT	.1998	.2238	.892

* = valor estatisticamente significativo

Com vista a examinar se os traços de animacidade do antecedente influenciam a aceitação de objetos nulos, comparemos os resultados na condição em que o antecedente era acessível e inanimado com os da condição em que o antecedente era acessível e animado. Como mostram a Figura 4 e a Tabela 7, o grupo de falantes nativos de PE admite objetos nulos significativamente mais com antecedentes inanimados (média = 3) do que com animados (média = 2), exibindo, assim, um efeito de animacidade ($t = 2.641$; para a análise estatística completa, ver Tabela 7). Por seu lado, os falantes de PE L2 não mostram sensibilidade ao fator animacidade na aceitação de objetos nulos, independentemente do seu nível de proficiência ($ts \leq 1.819$).

O grupo quase nativo tem uma média (arredondada) de aceitação de objetos nulos de 2 (escala de 1 a 5) em todas as condições, o que indica que não admite a omissão de objetos diretos em PE. Os quase nativos diferem significativamente do grupo de controlo (estimativa = $-.5170$, EP = $.2415$, $t = -2.141$). Enquanto o grupo avançado tem um desempenho similar aos quase nativos (estimativa = $-.57865$, EP = $.36225$, $t = -1.597$), o grupo de nível intermédio aceita objetos nulos significativamente mais do que o quase nativo (estimativa = $.97953$, EP = $.37918$, $t = -2.583$). Como ilustram as Figuras 3 e 4, o grupo intermédio tem uma média de aceitação de 3 em todas as condições, o que indica que, contrariamente aos restantes grupos de L2, não rejeita objetos nulos. A comparação entre o grupo de nível intermédio com o grupo de controlo mostra que, embora não haja um efeito principal de grupo (estimativa = $.4877$, EP = $.3210$, $t = 1.519$), existe uma interação significativa entre as variáveis *grupo* e *tipo de antecedente* (estimativa = $.3443$, EP = $.1742$, $t = 1.976$, $p = .04859413$). De facto, a comparação entre os dois grupos em cada condição experimental mostra que diferem significativamente quanto à aceitação de objetos nulos quando o antecedente é acessível e animado (estimativa = $-.7200$, EP = $.3267$, $t = -2.204$), mas não quando é inanimado (estimativa = $.3167$, EP = $.3523$, $t = .899$). Quando o antecedente é inanimado e não está imediatamente acessível, a diferença entre os dois grupos aproxima-se de significância estatística (estimativa = $-.5988$, EP = $.3247$, $t = -1.844$, $p = .06660552$).

Figura 4. Aceitação de clíticos e objetos nulos com antecedente acessível na tarefa escrita de juízos de aceitabilidade rápidos

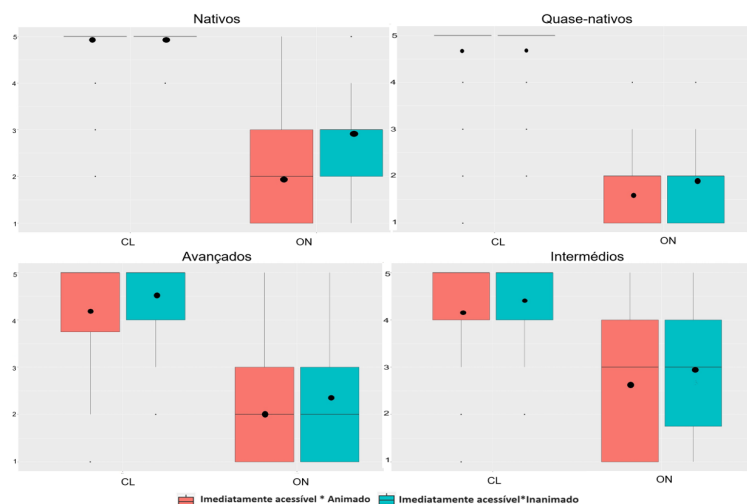


Tabela 7. Efeito de animacidade na aceitação de objeto nulo na tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos

Grupo	Estimativa	EP	t
Nativo	.6467	0.2449	2.641*
QN	.2113	.2073	1.019
AV	.4455	.2322	1.819
INT	.2300	.1689	1.361

* = valor estatisticamente significativo

6. Discussão

Na presente secção, discutimos os resultados à luz das questões de investigação apresentadas em 3, que retomamos abaixo.

Q1.1. Em níveis não avançados de aquisição de PE L2, os falantes de espanhol L1 sobregeneralizam objetos nulos?

Os resultados da tarefa de juízos de aceitabilidade mostram que, ao contrário dos falantes nativos, que rejeitam objetos nulos com antecedentes animados e não imediatamente acessíveis, os aprendentes de nível intermédio não rejeitam objetos nulos em nenhuma das condições testadas. Há, assim, uma sobregeneralização da omissão do objeto, que não parece ser explicável a partir da L1 dos aprendentes (contra H.1.2.). Este resultado é compatível com a hipótese de haver em L2, à semelhança do que acontece em L1, uma fase inicial de sobregeneralização do objeto nulo (H.1.1.).

Os resultados obtidos na tarefa de produção oral não permitem retirar conclusões sólidas, dado que o grupo de falantes nativos praticamente não produziu a construção de objeto nulo, apesar de ser amplamente reconhecido que esta construção é possível nas gramáticas nativas adultas. Esta baixa produção de objetos nulos também se verificou noutros estudos com tarefas experimentais de produção induzida (e.g., Flores *et al.*, 2020; Zhao, 2020) e contrasta com os dados de *corpora* de fala espontânea, nos quais se observa uma maior frequência desta construção (e.g., Rinke *et al.*, 2018; Schwenter, 2014). Parece, assim, que o uso da construção de objeto

nulo é muito sensível à situação discursiva, estando associado, sobretudo, a fala espontânea (cf. Flores *et al.*, 2020).

QI.2. O percurso de desenvolvimento do objeto nulo em PE L2 é idêntico ao que se observa na aquisição de PE L1 relativamente aos fatores *acessibilidade e animacidade*?

Relativamente à segunda questão de investigação, os nossos resultados indicam que os aprendentes de L2 não seguem o percurso de desenvolvimento que se observa na aquisição de L1 (contra H.2.1), uma vez que não desenvolvem sensibilidade nem à animacidade nem à acessibilidade. Estes resultados confirmam, portanto, a hipótese que formulámos com base na hipótese L1+input (H.2.3.) e infirmam a predição da HI de que a sensibilidade à animacidade se desenvolveria antes da sensibilidade à acessibilidade (H.2.2.).

QI.3. A convergência com a língua alvo é possível em PE L2 relativamente aos fatores *acessibilidade e animacidade*?

Quanto à terceira questão de investigação, os resultados mostram que, no nível quase nativo (o mais avançado que pode ser atingido numa L2), os aprendentes não convergem com a língua alvo, na medida em que não manifestam sensibilidade às restrições semânticas e discursivas a que os objetos nulos estão sujeitos, rejeitando-os nas duas tarefas. Estes resultados mostram que a aquisição de objetos nulos é substancialmente diferente em L1 e L2 (contra H.3.1.) e colocam em causa a predição da HI de que apenas as interfaces externas são áreas de instabilidade permanente em L2 (H.3.2.). Observa-se que também as interfaces internas, como a interface sintaxe-semântica, podem ser áreas de divergência persistente. Os nossos resultados são, pois, consistentes com as predições da hipótese L1+input e a ideia de Slabakova (2015) de que a interface sintaxe-discurso não é tão especial como a HI propõe.

Em síntese, os objetos nulos constituem uma área de dificuldade permanente na aquisição de PE L2, pelo menos quando a L1 dos aprendentes difere do PE. Estas dificuldades podem dever-se à combinação de dois fatores: as diferenças entre a L1 e a L2 e a baixa frequência dos objetos nulos no input (em comparação com clíticos). Como referido anteriormente, o objeto nulo está predominantemente associado ao registo oral/coloquial, que, pelo menos em situações em que o contacto com a L2 ocorre mais em contextos de aprendizagem formal, não é o registo a que os aprendentes têm mais exposição. Crucialmente, como os dados de *corpora* de fala espontânea apresentados na secção 2.1 mostram, mesmo num registo oral coloquial, globalmente, a percentagem de objetos nulos é mais baixa do que a de clíticos. Assim, os aprendentes de L2, incluindo os quase nativos, que viveram em Portugal durante alguns anos (média = 9,35 anos), poderão não ter exposição suficiente a dados linguísticos relevantes para desenvolverem sensibilidade às condições semânticas e discursivas que governam a ocorrência do objeto nulo em PE.

Importa notar que, à semelhança dos falantes nativos de PE, os aprendentes de L2 preferem claramente os clíticos aos objetos nulos em todos os níveis de proficiência considerados. Dado que, pelo menos nos níveis elementar e intermédio, os aprendentes chineses de PE testados por Zhao (2020) apresentaram baixas taxas de produção de clíticos, a preferência dos aprendentes espanhóis pelo clítico pode dever-se a um efeito da L1.

Não podemos excluir também a possibilidade de que a baixa aceitação de objetos nulos na tarefa de juízos (a tarefa que deveria forçar a aceitação de objetos nulos caso as gramáticas dos participantes o permitam) possa ser um efeito da modalidade da tarefa, uma vez que sabemos que os objetos nulos são mais frequentes em registos orais.

7. Estudo complementar

Para testar a hipótese de que a baixa aceitação de objetos nulos na tarefa de juízos de aceitabilidade poderá ser um efeito da modalidade da tarefa, realizámos um estudo complementar em que a tarefa escrita de juízos de aceitabilidade foi replicada numa modalidade com áudio e aplicada a um grupo de falantes nativos e não nativos de PE, os quais tinham, na sua maioria, participado na tarefa escrita.

7.1. Participantes

Participaram no estudo 20 falantes nativos de espanhol (15 dos quais também realizaram a tarefa escrita), com os seguintes níveis de proficiência em PE L2: avançado (n = 10) e quase nativo (n = 10). O estudo incluiu ainda um grupo de controlo de 20 falantes nativos de PE (todos eles realizaram também a tarefa escrita). As características sociolinguísticas dos participantes (recolhidas através do questionário de perfil sociolinguístico administrado através do *Google Forms*) são apresentadas na Tabela 8.

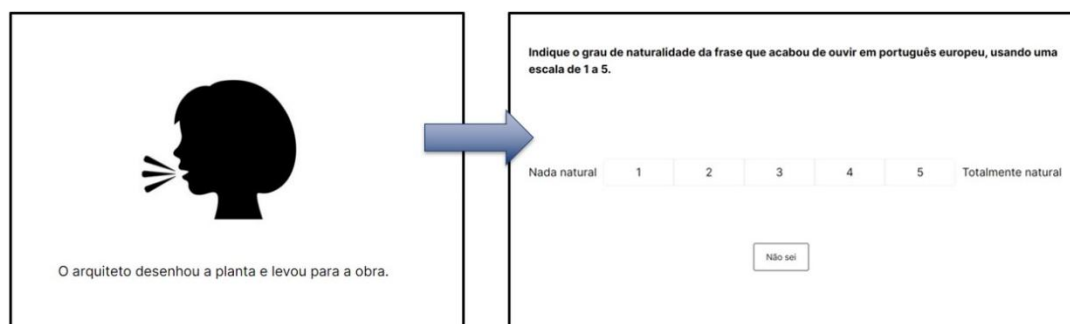
Tabela 8. Dados sobre os participantes da tarefa com áudio

Grupo	N	Idade		Idade de início de exposição ao PE		Anos de residência em países de língua portuguesa	
		M	Desvio Padrão	M	Desvio Padrão	M	Desvio Padrão
Quase nativo	10	39,6	8,7	21,5	4,3	6,65	6,01
Avançado	10	44,2	12,8	29,1	11,6	4,23	7,1
Nativo	20	32	11,8	na	na	na	na

7.2. Metodologia

A tarefa de juízos de aceitabilidade testou os mesmos itens experimentais e incluiu os mesmos *fillers* que a tarefa escrita, diferindo na modalidade de apresentação dos itens, que eram apresentados simultaneamente em áudio e por escrito. Em cada item, o participante começava por ler a frase escrita, ao mesmo tempo que ouvia o áudio da gravação da frase uma vez. Assim que o áudio terminava, avançava-se automaticamente para o ecrã seguinte, em que era solicitado ao participante que avaliasse a frase numa escala de 1 (= nada natural) a 5 (= totalmente natural).

Figura 5. Tarefa de juízos de aceitabilidade com áudio



7.3. Resultados

À semelhança do que se observou na tarefa escrita de juízos de aceitabilidade, na tarefa equivalente com áudio, tanto os falantes nativos quanto os falantes não nativos de PE aceitam clíticos significativamente mais do que objetos nulos (nativos: estimativa = 2.58115, EP = .30770, $t = 8.388$; QN: estimativa = 2.260774, EP = .355808, $t = 6.354$; AV: estimativa = 1.54459, EP = .53516, $t = 2.886$), não se observando qualquer interação entre *tipo de objeto* e *tipo de antecedente* (todos os $t_s \leq 1.503$).

A fim de examinar se a acessibilidade do antecedente no discurso tem impacto na aceitação de objetos nulos, comparemos as respostas da condição em que o antecedente inanimado não está imediatamente acessível com aquela em que está. Conforme a Figura 6 ilustra, o grupo de falantes nativos de PE admite objetos nulos significativamente mais quando o antecedente está imediatamente acessível (média = 2.5) do que quando não está (média = 2) ($t = 3.182$; para a análise estatística completa, ver Tabela 9). Por seu lado, os grupos de falantes avançados e quase nativos de PE não exibem efeitos de acessibilidade do antecedente ($ts \leq 1.014$) na aceitação de objetos nulos.

Figura 6. Aceitação de clíticos e objetos nulos não animados na tarefa de juízos de aceitabilidade com áudio

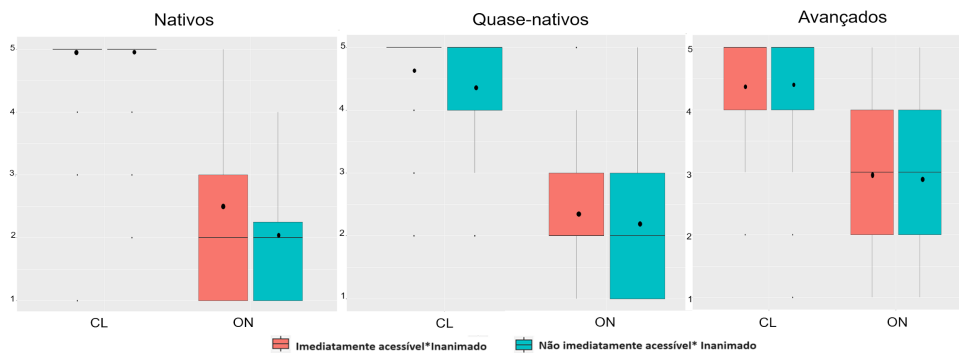


Tabela 9. Efeito de acessibilidade na aceitação de objeto nulo na tarefa de juízos de aceitabilidade com áudio

Grupo	Estimativa	EP	<i>t</i>
Nativo	.3667	.1152	3.182*
QN	.1833	.1807	1.014
AV	.1195	.1625	.736

* = valor estatisticamente significativo

Para determinar se a aceitação de objetos nulos é influenciada pela animacidade do antecedente, comparemos as respostas na condição em que o antecedente era imediatamente acessível e inanimado com as da condição em que o antecedente era acessível e animado. Como mostra a Figura 7, o grupo de falantes nativos de PE exibe um efeito de animacidade, aceitando objetos nulos significativamente mais com antecedentes inanimados (média = 2.5) do que com animados (média = 1.8) ($t = 3.222$; para a análise estatística completa, ver Tabela 10). Por outro lado, nos dois grupos de falantes de PE L2, não se observam efeitos de animacidade na aceitação de objetos nulos ($ts \leq 1.585$).

Figura 7. Aceitação de clíticos e objetos nulos com antecedente acessível na tarefa de juízos de aceitabilidade com áudio

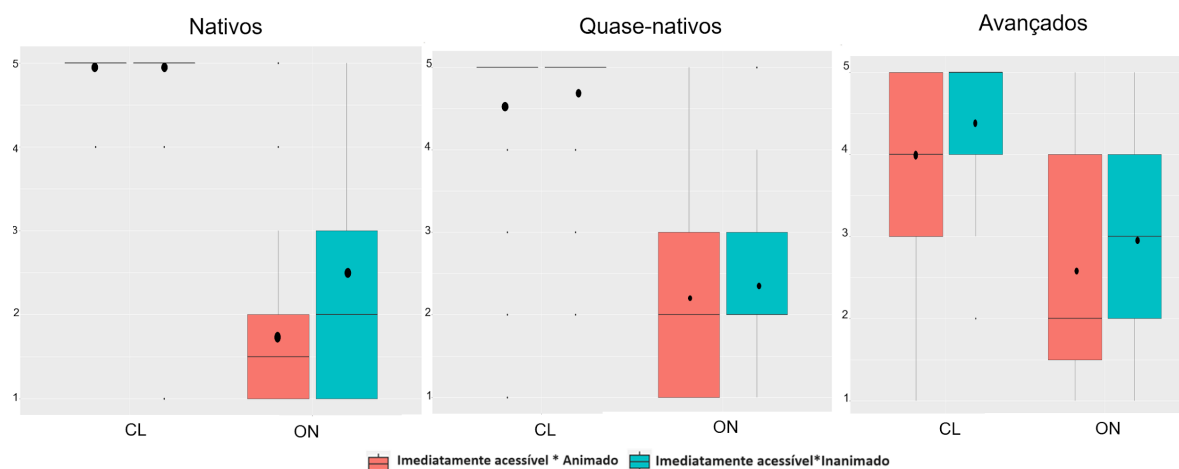


Tabela 10. Efeito de animacidade na aceitação de objeto nulo na tarefa de juízos de aceitabilidade com áudio

Grupo	Estimativa	EP	t
Nativo	.5417	.1681	3.222*
QN	.1667	.1972	.845
AV	.3727	.2351	1.585

* = valor estatisticamente significativo

Contudo, a comparação entre os dois grupos de L2 no que diz respeito à aceitação de objetos nulos revela um efeito de nível de proficiência muito próximo de significância estatística (estimativa = $-.86142$, SE = $.45645$, $t = -1.887$, $p = .05997834$). Como as figuras 6 e 7 mostram, no nível avançado, os falantes de PE L2 têm uma média de aceitação de objetos nulos de 3 com antecedentes inanimados (independentemente da acessibilidade no discurso) e de 2.5 com antecedentes animados. Já no nível quase nativo, a média de aceitação é de 2 em todas as condições, o que indica que os objetos nulos não são admitidos neste nível.

7.4. Discussão

Os falantes nativos de PE têm um desempenho na tarefa de juízos com áudio idêntico ao observado na tarefa escrita: revelam baixas taxas de aceitação da construção de objeto nulo, embora apresentem efeitos de animacidade e de acessibilidade na sua aceitação. Também os falantes de PE L2 tiveram um desempenho, globalmente, semelhante nas duas tarefas: apresentaram baixas taxas de aceitação do objeto nulo, sem efeitos de animacidade e de acessibilidade.

Estes resultados sugerem que a baixa aceitação de objetos nulos na tarefa de juízos não é um efeito da modalidade da tarefa. Tendo em conta que estudos experimentais anteriores baseados quer em dados de produção induzida, quer de juízos de aceitabilidade também registaram baixos níveis de produção e aceitação de objetos nulos e que apenas têm sido encontrados níveis mais elevados de produção em fala espontânea, possivelmente, a baixa aceitação que observámos no nosso estudo decorre do facto de os objetos nulos terem sido testados num contexto controlado e formal. Os resultados da nossa tarefa confirmam que, como Flores *et al.* (2020) notam, os objetos nulos são altamente sensíveis à situação discursiva.

Em conjunto, os resultados das três tarefas indicam que, nas gramáticas nativas, o objeto nulo é uma opção não preferencial, sujeita a condições de animacidade e acessibilidade. Nas gramáticas não nativas, o objeto nulo

ou não é admitido (nível quase nativo) ou é uma opção marginal (níveis avançado e intermédio), não havendo sensibilidade às condições a que está sujeito em PE. Tanto nas gramáticas nativas quanto nas não nativas, o clítico é a forma preferencial.

8. Conclusões

Com base nos resultados do presente estudo, concluímos que: (i) ao contrário do que a HI prediz, as propriedades que envolvem interfaces internas à gramática, como a interface sintaxe-semântica, podem não ser plenamente adquiridas numa L2; (ii) pelo menos quando a L1 e a L2 diferem, podem observar-se dificuldades permanentes no que respeita a propriedades de interface quando estas são pouco frequentes no input; e (iii) os fatores relacionados com o input não afetam seletivamente a interface sintaxe-discurso, uma vez que as interfaces internas à gramática também podem ser afetadas.

Agradecimentos / Financiamento

Este trabalho foi parcialmente financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/LIN/03213/2020; 10.54499/UIDB/03213/2020 e UIDP/LIN/03213/2020; 10.54499/UIDP/03213/2020 – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL). Agradecemos aos dois revisores anónimos os comentários e sugestões que contribuíram para melhorar a versão final deste artigo, e ainda a todos os participantes neste estudo.

Referências

- Baayen, Rolf Harald (2008) *Analyzing linguistic data: A practical introduction to statistics using R*. Cambridge University Press.
- Bader, Markus & Jana Häussler (2010) Toward a model of grammaticality judgments. *Journal of Linguistics* 46 (2), pp. 273–330. <https://doi.org/10.1017/S0022226709990260>
- Brito, Ana Maria, Inês Duarte & Gabriela Matos (2003) Tipologia e distribuição das expressões nominais. In Maria Helena Mira Mateus *et al.* (orgs.), *Gramática da língua portuguesa* (5.^a ed). Caminho, pp. 795–867.
- Campos, Héctor (1986) Indefinite object drop. *Linguistic Inquiry* 17 (2), pp. 354–359.
- Castro Tammer, Jason Rothman & Marit Westergaard (2017) On the Directionality of Cross-Linguistic Effects in Bidialectal Bilingualism. *Frontiers in Psychology* 8. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01382>
- Costa, João & Inês Duarte (2003) Objectos nulos em debate. In Ivo Castro & Inês Duarte (orgs.), *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. INCM - Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 249–260.
- Costa, João & Maria Lobo (2009) Clitic omission in the acquisition of European Portuguese: data from comprehension. In Acrísio Pires & Jason Rothman (orgs.), *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition: case studies across Portuguese*. Mouton de Gruyter, pp. 63–84.
- Costa, João & Maria Lobo (2007) Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. In António Moreno, Fátima Silva, Isabel Falé, Isabel Pereira & João Veloso (orgs.), *Textos seleccionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Associação Portuguesa de Linguística, pp. 303–313.
- Domínguez, Laura & Maria Arche (2014) Subject inversion in non-native Spanish. *Lingua* 145, pp. 243–265. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2014.04.004>
- Duarte, Inês & João Costa (2013) Objecto nulo. In Eduardo Raposo *et al.* (orgs.), *Gramática do português* (Vol. 2). Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 2339–2348.
- Ellis, Rod (2005) Measuring implicit and explicit knowledge of a second language: a psychometric study. *Studies in Second Language Acquisition* 27 (2), pp. 141–172. <https://doi.org/10.1017/S0272263105050096>

- Flores, Cristina, Esther Rinke & Cecília Azevedo (2017) Object realization across generations. A closer look on the spontaneous speech of Portuguese first and second generation migrants. In Elisa Di Domenico (org.), *Syntactic complexity from a language acquisition perspective*. Cambridge Scholars Publishing, pp. 178–205.
- Flores, Cristina, Esther Rinke & Aldona Sopata (2020) Acquiring the distribution of null and overt direct objects in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 19 (1). <https://doi.org/10.5334/jpl.239>
- Hopp, Holger (2007) *Ultimate attainment at the interfaces in second language acquisition: Grammar and processing*. Tese de doutoramento, Universidade de Groningen, Países Baixos.
- Kato, Mary, Ana Maria Martins & Jairo Nunes (2023) *The syntax of Portuguese*. Cambridge University Press.
- Raposo, Eduardo (1986) On the null object in European Portuguese. In Osvaldo Jaeggli & Carmen Silva-Corvalán (orgs.), *Studies in Romance linguistics*. Foris, pp. 373–390.
- Rinke, Esther (no prelo). Animacy restrictions on null objects in European Portuguese. In Pilar Barbosa, Cristina Flores, Ana Cristina Silva & Eva-Maria Roessler (eds.). *Null objects from a crosslinguistic and developmental perspective*. John Benjamins.
- Rinke, Esther, Cristina Flores & Pilar Barbosa (2018) Null objects in the spontaneous speech of monolingual and bilingual speakers of European Portuguese, *Probus, International Journal of Latin and Romance Linguistics* 30 (1), pp. 93–120. <https://doi.org/10.1515/probus-2017-0004>
- Rinke, Esther, Cristina Flores & Aldona Sopata (2019) Heritage Portuguese and Heritage Polish in contact with German. More evidence on the production of objects. *Languages* 4 (3). <https://doi.org/10.3390/languages4030053>
- Rothman, Jason & Roumyana Slabakova (2018) The generative approach to SLA and its place in modern second language studies. *Studies in Second Language Acquisition* 40 (2), pp. 417–442. <https://doi.org/10.1017/S0272263117000134>
- Schwenter, Scott A. (2014) Two kinds of Differential Object Marking in Portuguese and Spanish. In Patrícia Amaral & Ana Maria Carvalho (orgs.), *Portuguese-Spanish interfaces: diachrony, synchrony, and contact*. John Benjamins, pp. 237–260.
- Slabakova, Roumyana (2015) The effect of construction frequency and native transfer on L2 knowledge of the syntax–discourse interface. *Applied Psycholinguistics* 36 (3), pp. 671–699. <https://doi.org/10.1017/S0142716413000386>
- Sorace, Antonella (2011) Pinning down the concept of “interface” in bilinguals. *Linguistic Approaches to Bilingualism* 1 (1), pp. 1–33. <https://doi.org/10.1075/lab.1.1.01sor>
- Sorace, Antonella & Francesca Filiaci (2006). Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research* 22 (3), pp. 339–368. <https://doi.org/10.1191/0267658306sr271oa>
- Tomaz, Margarida, Maria Lobo, Ana Madeira, Carla Soares-Jesel & Stéphanie Vaz (2019) Omissão e colocação de clíticos por crianças bilíngues Português-Francês. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 5, pp. 85–412. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a25>
- Varlokosta, Spyridoula *et al.* (2015) A cross-linguistic study of the acquisition of clitic and pronoun production. *Language Acquisition* 23 (1), pp. 1–26. <https://doi.org/10.1080/10489223.2015.1028628>
- White, Lydia & Fred Genesee (1996) How native is near-native? The issue of ultimate attainment in adult second language acquisition. *Second Language Research* 12 (3), pp. 233–265. <https://doi.org/10.1177/026765839601200301>
- Zhao LiangLiang (2020) *Aquisição do objeto nulo e dos pronomes clíticos por falantes chineses de português língua segunda*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Portugal.